

A FOTOGRAFIA NA TERCEIRA NO PERÍODO DA I REPÚBLICA

CARLOS ENES

A fotografia terá surgido nos Açores por intermédio de estrangeiros quando realizavam viagens pelas principais ilhas. No caso da ilha Terceira, as primeiras referências conhecidas reportam à passagem de um estrangeiro pela cidade de Angra que fazia retratos pelo processo de Daguerre, na Rua do Cruzeiro, em 1846¹. Outro forasteiro também se hospedou temporariamente, em 1860, na pensão de Joven Nestor².

A partir desta década, começam a surgir notícias sobre fotógrafos locais e com características profissionais.

1 - FOTÓGRAFOS ANTERIORES AO PERÍODO DA REPÚBLICA

Um anúncio de 1861, já refere a existência de um fotógrafo³ instalado na Rua de Santo Espírito e, nos anos seguintes, na Rua do Galo⁴. Deduzo que seja Nestor Ferreira Borralho, filho do médico faialense com o mesmo nome, dado que em 1867 era dele o único estabelecimento existente na cidade⁵. Trabalhava em daguerreótipo, sem horário estabelecido, porque dedicava uma boa parte do seu tempo a fazer experiências⁶. Tirava retratos desde as 9H30 da manhã, todos os dias (não chovendo), excepto ao Domingo. Vendia variedades de caixas, quadros, álbuns e, em 1875, tinha negócio de venda de máquinas de costura. Faleceu a 6 de Dezembro de 1902, com 76 anos, com informação na necrologia de que era intérprete reformado da Estação de Saúde.

¹ *O Angrense*, 9.7.1846.

² *A Terceira*, 2.6.1860.

³ *A Terceira*, 7.9.1861.

⁴ *O Angrense*, 21.9.1863.

⁵ *O Angrense*, 20.8.1868.

⁶ Félix José da Costa, *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores*, Angra do Heroísmo, Typ. do Governo Civil, 1867, p. 74.

Em 1866, há referência a uma casa de fotografia na Rua Direita, mas a notícia não identifica o executante.

Procedente de São Miguel, Reckeel instalou-se, em 1868, anunciando estar de passagem breve pela cidade⁷. Acabou por permanecer entre Janeiro e Agosto, donde seguiu para o Faial. Estas visitas de estrangeiros, mesmo que esporádicas e rápidas, permitiam sempre contactos com novas tecnologias e eram importantes para os fotógrafos locais.

Em 1870, Carlos Augusto Mendes Franco fundou a Photographia Terceirense. Carlos Franco foi premiado com a medalha de ouro na exposição realizada em São Miguel por ocasião da visita régia, em 1901, com uma amostra de 40 postais de vistas terceirenses. Foi recebido pelo próprio rei D. Carlos, na sua passagem por Angra, e ofereceu-lhe uma fotografia panorâmica da parte Sul da ilha, desde a ponta de São Mateus até à Salga⁸.

No mesmo ano, Carlos Severino de Avelar residia em Angra, na Rua do Faleiro. Para além do ensino das línguas francesa e inglesa na sua residência ou em casas particulares, abriu ali um estúdio que denominou de Galeria Photographica. Este fotógrafo, de famílias naturais da Horta, esteve no Brasil, em 1858, quando tinha 14 anos de idade, e, em 1872, foi-lhe concedido passaporte para Paris e Madrid. Aí deve ter aprendido a arte fotográfica, dado que no regresso abriu o estabelecimento. Parece que acabou por se fixar em Lisboa.

⁷*O Angrense*, 10.1.1868.

⁸ Fotografia com idêntica amplitude foi tirada, posteriormente, em 1928, pelo fotógrafo amador, coronel Gomes da Silva, que a mandou ampliar na Alemanha. Deve ser esta, provavelmente, a versão que chegou aos nossos dias.

Severino João de Avelar foi outro dos fotógrafos instalados na cidade de Angra. Homem viajado, pois foi-lhe concedido passaporte para uma deslocação a Londres, em 1867, e depois de uma estadia em Lisboa, abriu a Photographia Avelar, em 1876⁹.

Uns anos depois, surgiu Manuel de Sá e Silva, natural do concelho da Feira, Aveiro. Fora residir para a Terceira, na qualidade de técnico de uma fábrica de papel e acabou por tomá-la de arrendamento até à altura em que os donos lhe aumentaram a renda. Para ficar com uma recordação da mesma, solicitou a um fotógrafo o retrato do edifício. Ao reclamar perante o preço elevado (oitenta mil réis), o fotógrafo respondeu: "Fazer fotografia não é fazer papel", ao que Sá e Silva ripostou: "Hei-de fazer fotografia como faço papel". E assim o fez, montando uma casa de relojoaria e de fotografia na Rua da Sé, onde hoje se ergue o edifício da Confederação Operária Terceirense, transitando depois para a Rua do Galo¹⁰. Abriu a Photographia Popular que, após a sua morte, terá transitado para um familiar, João de Sá e Silva, que manteve o estabelecimento aberto até finais dos anos 20.

Abraham Aboboht (1871-1959) também se dedicou à fotografia, mas era, essencialmente, um desenhador e pintor. Montou um atelier numa quinta, na Canada dos Folhadais, e dirigiu outro, a Galeria Photographica do Clube União Ginástica, na Rua Duque de Palmela. Abriu um estabelecimento na Rua da Sé, com a designação de Photographia Angrense, e tornou-se conhecido por ter fotografado Gungunhana na sua chegada a Angra, em 1896. Acabou por se tornar funcionário público, a partir de 1919.

2 – OS DOIS PRINCIPAIS FOTÓGRAFOS, NA REPÚBLICA

Apesar de alguns dos fotógrafos referidos terem ainda continuado a sua actividade na I República, os dois que se seguem são, sem sombra de dúvida, os que

⁹ *A Independência*, 4.5.1876.

¹⁰ *Almanaque Açores*, "Manuel de Sá e Silva", Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, 1955, pp. 57-62.

mais se destacaram na cidade de Angra, embora possam ter iniciado a sua actividade anteriormente.

António José Leite (1872-1943), revelou-se um dos melhores artistas do seu tempo. Nascido no Porto, deslocou-se ainda jovem para a Terceira como empregado de balcão de um negociante também nortenho. Ali casou e se estabeleceu como comerciante de fazendas e ourivesaria. Fotógrafo amador, serviu-se da objectiva para revelar o seu talento. Em 1901, participou na exposição em Ponta Delgada, por ocasião da visita régia, com vários postais. Como reconhecimento pelo seu trabalho, recebeu mercê para usar o título de fotógrafo da Casa Real¹¹. Nos anos 20, trespassou a Loja do Buraco e montou a Foto-Bazar, na Rua de São João, vendendo material fotográfico e fazendo acabamentos em trabalhos de amadores. Após a sua morte, o filho João Leite ainda a manteve em funcionamento até meados dos anos 50. Parte do seu espólio foi preservada, dando origem a um livro publicado por Francisco Ernesto Oliveira Martins, evidenciando o olhar atento do fotógrafo nos mais variados acontecimentos da vida terceirense.

A montra da Loja do Buraco era um local de exposições frequentes de fotografias ou de pinturas de artistas locais. Em torno de José Leite, circulava um conjunto de fotógrafos amadores, como Guilherme Enes, José Sebastião Castro do Canto entre outros, que ali exibiam os seus trabalhos. Estes dois, por exemplo, assinam fotografias coloridas da colecção de postais da Loja do Buraco. Sebastião Castro do Canto era funcionário público, floricultor e aguarelista e foi um dos primeiros, em 1910, a realizar experiências com fotografia a cores¹².

António Luiz Lourenço da Costa (1883-1939) foi um dos fotógrafos mais conceituados nos primeiros anos do século XX. Nascido em Angra, acabou por emigrar

¹¹ Informação de José Guilherme Reis Leite.

¹² *A União*, 23.6.1910.

para o Brasil em busca de melhor sorte. No Rio de Janeiro, trabalhou no atelier de Elias da Silva que, conhecendo-lhe a aptidão, o mandou frequentar o curso de Belas Artes. Em 1904, já estava de volta a Angra, onde abriu um estabelecimento, a Photographia Lourenço, na Rua do Galo. Para além de ampliações, trabalhava com “antigos e modernos papéis, assim como clódio, sais de prata, ilfor-pop, Eastman e o verdadeiro platina Smoth”. Fez também uma viagem a Paris, onde aperfeiçoou os seus conhecimentos¹³.

Em 1911, fundiu o seu estabelecimento com o de Jayme Franco, que havia aberto no início do século a Photographia Franco, na Rua do Galo. Esta junção deu origem à Photographia Lourenço e Franco, onde realizavam trabalhos a cores. A sociedade desfez-se pouco tempo depois, tendo António Lourenço constituído uma outra, por quotas, com Fernando Carvão, em 1925, com a designação de Fotografia Lourenço Limitada. Pelas fotos conhecidas, o estabelecimento, com sala de *toilette* e escritório, estava profusamente decorado e mobilado. Ampliou fotografias de várias individualidades locais, que eram expostas nas montras.

Em 1934, circularam notícias de que o fotógrafo Lourenço havia sido premiado numa exposição internacional, em Paris. Contudo, soube-se de imediato que as informações tinham sido forjadas pelo próprio, uma atitude bem reveladora do vaidosismo que o caracterizava. Uns anos depois, foi preso. Republicano convicto, fez parte da vereação camarária logo a seguir à implantação da República, esteve ligado à Esquerda Democrática, e não se mostrou afecto ao regime salazarista. Mas o motivo da prisão não esteve ligado a questões políticas, como já foi divulgado, mas sim ao facto de ter feito umas montagens fotográficas pouco convenientes, com senhoras da sociedade angrense. Acabou por morrer no chamado Depósito de Presos, onde se “hospedavam” os presos políticos.

¹³ *O Dia*, 19.12.1904.

Na década de 20, abriu mais uma casa de fotografia. Raul Alves da Cruz, nascido em 1895, em Paços de Brandão, distrito de Aveiro, já residia em Angra em 1920, com profissão de fotógrafo. Neste ano obteve um passaporte para se deslocar aos Estados Unidos da América. Uns anos depois (1925), apresentou-se ao público com as credenciais de fotógrafo formado pelo Internacional Studio of Chicago, com uma exposição de pintura na montra da Loja do Buraco, a que se seguiu uma de fotografia. |

Embora continuasse a pintar, abriu um estúdio na Rua Infante D. Henrique, transitando depois para a Rua da Sé, onde permaneceu até aos anos 70.

Os últimos fotógrafos referidos também se aventuraram pelo campo das filmagens. Em 1927, coube ao fotógrafo Lourenço a proeza de realizar o primeiro filme açoriano. Para o efeito, havia sido constituída a Empresa Foto-Cinema Açores que custeou a realização do *Documentário Terceirense*¹⁴. José Leite seguiu-lhe as pisadas e a imprensa referiu um documentário da sua autoria, sobre as festas comemorativas do 11 de Agosto na Praia da Vitória, em 1929. O mesmo aconteceu com Raul Cruz que terá feito pequenos documentários.

Para além destes fotógrafos com actividade em Angra, refira-se para a Praia da Vitória, a presença de João Ignácio Bettencourt, no início do século XX, a que se seguiu César de Matos Serpa, um amador em actividade entre 1905-1940. Mas o mais conhecido fotógrafo praiense da primeira metade do século foi António Borges de Quadros. Juntamente com outros afazeres, dedicou-se à fotografia, nos finais dos anos 20.

Após esta breve resenha dos fotógrafos existentes na Terceira, muito pouco mais há para acrescentar, por não existirem espólios significativos destes fotógrafos.

Mas tendo em conta aquilo que conheço julgo não andar muito longe da verdade se apresentar António José Leite, como o grande fotógrafo deste período.

¹⁴ Este documentário, embora truncado, foi editado em DVD pelo Museu de Angra do Heroísmo.

José Leite era um homem com os olhos virados para a sociedade, procurando captar o seu pulsar, o seu sentir. As várias séries dos postais da Loja do Buraco revelam essa sensibilidade em registar elementos da natureza, mas essencialmente o homem na vida em sociedade. Muitas das fotos que por aí circulam, embora não estejam assinadas, podem ser facilmente identificadas, quanto ao seu autor. Embora vivesse nos meios burgueses e pequeno-burgueses da cidade, a sua objectiva estava presente também nas freguesias, onde ficaram registadas imagens da vida tradicional do campo, que são hoje um precioso elemento de estudo. Do mesmo modo, em relação à cidade, as manifestações cívicas, religiosas, culturais, desportivas, etc., passaram pela câmara de António José Leite. As poucas imagens que se conhece deste período devem-se, pois, a esta paixão de António José Leite pela fotografia.

O trabalho do fotógrafo Lourenço estava mais concentrado no estúdio, a avaliar pelo espólio que conheço. Mas aí ele revelou a sua sensibilidade na forma como dispunha os retratados, no mobiliário e adereços que escolhia. Mas o trabalho deste fotógrafo estará, quando muito, espalhado por mãos particulares e por isso se torna difícil uma avaliação objectiva.

ANEXOS – IMAGENS



Loja do Buraco, de António José Leite



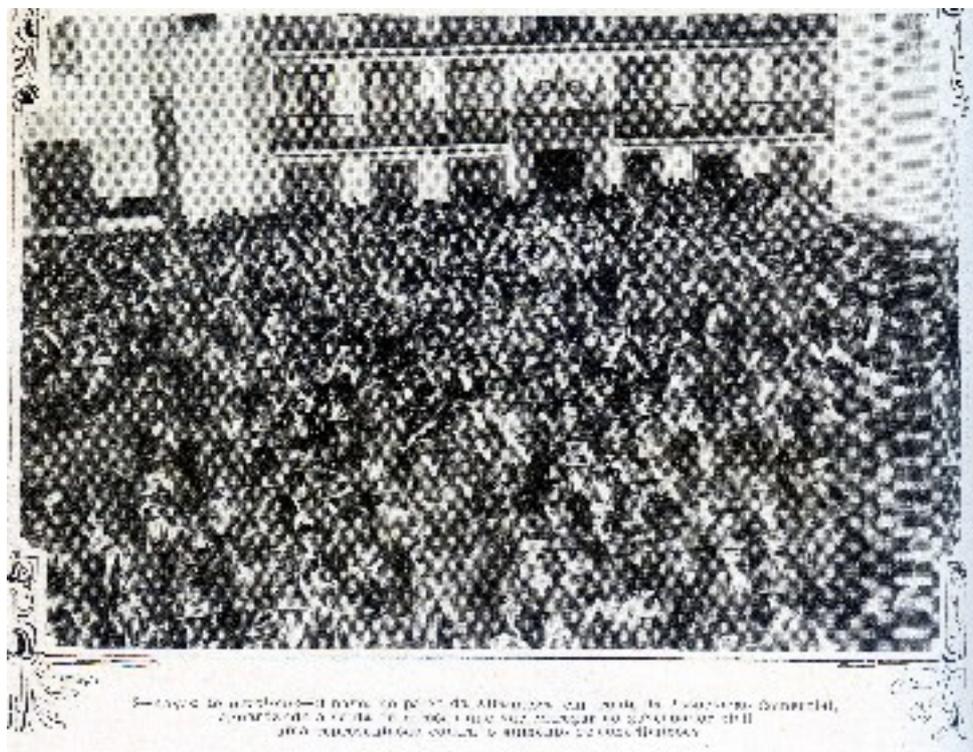
Cliché de António José Leite



Cliché do fotógrafo Lourenço



Batalha de Flores organizada pela imprensa - 1922



cidadania - Manifestação em Angra, 1922